

3. A SANTIDADE NÃO É UMA OPÇÃO

Esforcem-se para viver em paz com todos e para serem santos; sem santidade ninguém verá o Senhor.

HEBREUS 12.14

Que significam realmente estas palavras “sem santidade ninguém verá o Senhor”? Será que, em última análise, a nossa salvação depende em certa medida de atingirmos algum nível de santidade pessoal?

Sobre esta questão, as Escrituras são claras em dois pontos. Primeiro, mesmo os melhores cristãos jamais poderão merecer a salvação através da sua santidade pessoal. As nossas obras de justiça são como trapos imundos à luz da Lei santa de Deus (Isaías 64.6). As nossas melhores obras estão manchadas e poluídas com imperfeição e pecado. Como um dos santos de há vários séculos afirmou, “mesmo as nossas lágrimas de arrependimento precisam ser lavadas no sangue do Cordeiro”.

Segundo, as Escrituras referem-se repetidamente à obediência e justiça de Cristo a nosso favor. “Logo, assim como por meio da desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também, por meio da obediência de um único homem muitos serão feitos justos” (Romanos 5.19). “Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus” (1 Pedro 3.18). Essas duas passagens ensinam um duplo aspecto da obra de Cristo a nosso favor. São muitas vezes referidas como se aplicando à sua obediência ativa e à sua obediência passiva.

Obediência ativa significa a vida imaculada de Cristo aqui na terra, a sua perfeita obediência e absoluta santidade. Essa vida perfeita é creditada aos que confiam nele para a sua salvação. A sua obediência passiva tem a ver com a sua morte na cruz, através da qual ele pagou plenamente o castigo dos nossos pecados e aplacou a ira de Deus para conosco. Em Hebreus 10.5-9 lemos que Cristo veio para fazer a vontade do Pai. Depois, o escritor diz: “Pelo cumprimento dessa vontade fomos santificados, por meio do sacrifício

do corpo de Jesus Cristo, oferecido uma vez por todas” (Hebreus 10.10). Vemos, assim, que a nossa santidade diante de Deus depende inteiramente da obra de Jesus Cristo por nós, pela vontade de Deus.

Será que Hebreus 12.14 se refere então a essa santidade que temos em Cristo? Não, pois nesse ponto o autor fala duma santidade que devemos buscar; que devemos nos esforçar: “esforcem-se... para serem santos”. E sem essa santidade, diz o autor, ninguém verá o Senhor.

As Escrituras falam tanto da santidade que temos em Cristo diante de Deus, como duma santidade que nós devemos buscar. Esses dois aspectos da santidade complementam-se mutuamente, pois a nossa salvação é uma salvação para a santidade: “Porque Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade” (1 Tessalonicenses 4.7). Aos coríntios, Paulo escreveu: “À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus e chamados *para serem santos*” (1 Coríntios 1.2). O termo *santificados* aqui significa “feitos santos”. Isto quer dizer que, por Cristo, somos *feitos* santos, quando nos apresentamos diante de Deus, e *chamados* a ser santos na nossa vida diária.

O escritor de Hebreus está, portanto, dizendo-nos que devemos considerar seriamente a necessidade de santidade prática e pessoal. Quando o Espírito Santo entra nas nossas vidas no momento da nossa salvação, vem para nos fazer santos na prática. Se não existe, pelo menos, um desejo ardente no nosso coração de vivermos uma vida santa que agrade a Deus, temos de nos interrogar seriamente se a nossa fé em Cristo é genuína.

É verdade que esse desejo de santidade pode ser uma mera centelha ao princípio, mas essa centelha deve crescer até se transformar numa chama — um desejo de viver uma vida plenamente agradável a Deus. A verdadeira salvação traz consigo um anseio de ser santo. Quando Deus nos salva por Cristo, não só nos salva do castigo do pecado, como também do seu domínio. O Bispo Ryle disse: “Realmente, duvido que tenhamos qualquer base para dizer que um homem pode converter-se sem que se consagre a Deus! Mais consagrado sem dúvida ele pode ser, e assim sucederá à medida em que a graça divina opere nele. Mas, se ele não se consagrou a Deus no dia em que se converteu e nasceu de novo, então, já não sei o que significa a conversão”.

[\[11\]](#)

Todo o objetivo da nossa salvação é que sejamos “santos e irrepreensíveis em sua presença” (Efésios 1.4). Continuar a viver em pecado,

como cristãos, é ir contra o propósito de Deus para a nossa salvação. Um dos escritores de há três séculos exprimiu-se nestes termos: “Que estranho tipo de salvação desejam aqueles que não se importam com a santidade!... Querem ser salvos por Cristo e, ao mesmo tempo, estarem sem Cristo, num estado carnal... Querem os seus pecados perdoados, não para poderem andar com Deus em amor, no futuro, mas para poderem praticar a sua inimizade contra ele, sem qualquer receio de castigo”.^[12]

A santidade não é, portanto, necessária como *condição* da salvação — pois isso seria salvação pelas obras — mas como uma *parte* da salvação que é recebida pela fé em Cristo. O anjo disse a José: “Você deverá dar-lhe o nome de Jesus [que significa *o Senhor salva*], porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1.21).

Podemos, pois, dizer que ninguém pode confiar em Cristo para uma verdadeira salvação, a não ser que confie nele para a santificação. Isso não quer dizer que o desejo de santidade tenha de ser um desejo consciente no momento em que a pessoa vem a Cristo; quer dizer, sim, que o Espírito Santo que cria em nós uma fé salvadora também cria em nós um desejo de santidade. Ele, simplesmente, não faz uma coisa sem a outra.

Paulo afirmou: “Porque a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente” (Tito 2.11-12). A mesma graça que traz salvação ensina-nos a renunciar a uma vida ímpia. Não podemos receber metade da graça de Deus. Se de fato a experimentamos, receberemos não só o perdão dos nossos pecados, mas também liberdade do domínio do pecado.

É essa a verdade que Tiago salienta no seu texto de difícil compreensão sobre a fé e as obras (veja Tiago 2.14-26). Ele está, simplesmente, a dizer-nos que uma “fé” que não resulta em obras — numa vida santa, em outras palavras — não é uma fé viva, mas morta, em nada superior à que os demônios possuem.

A natureza de Deus exige santidade na vida dum cristão. Quando ele nos chama para a salvação, chama-nos para a comunhão com ele e com seu Filho Jesus Cristo (1 João 1.3). Mas Deus é luz; nele não há trevas nenhuma (1 João 1.5). Como é que então podemos ter comunhão com ele se continuamos a andar em trevas?

A santidade é, pois, requerida para a *comunhão com Deus*. Davi fez a

pergunta: “Se eu acalentasse o pecado no coração, o Senhor não me ouviria” (Salmos 66.18). Atender à iniquidade é acalentar algum pecado, amá-lo ao ponto de não estar disposto a separar-me dele. Sei que está lá, mas arranjo maneira de justificá-lo, como a criança que diz: “Bem, ele bateu-me primeiro”. Quando nos agarramos assim a algum pecado, não estamos buscando a santidade e não podemos ter comunhão com Deus.

Deus não exige uma vida perfeita e imaculada para termos comunhão com ele, mas requer, de fato, que encaremos seriamente a santidade, que nos entristecemos com o pecado que existe nas nossas vidas, em vez de tentarmos justificá-lo, e que, fervorosamente, busquemos a santidade como uma maneira de viver.

A santidade é também exigida para o *nosso próprio bem-estar*. As Escrituras dizem: “O Senhor disciplina a quem ama, e castiga todo aquele a quem aceita como filho” (Hebreus 12.6). Essa afirmação pressupõe a nossa necessidade de disciplina, pois Deus não é levado por um capricho ao aplicá-la. Ele disciplina-nos, porque nós precisamos de disciplina.

Persistir na desobediência é aumentar a nossa necessidade de correção e disciplina. Alguns dos cristãos de Corinto persistiam na desobediência, ao ponto de Deus ter de lhes tirar a vida (1 Coríntios 11.30).

Davi descreveu deste modo a disciplina do Senhor: “Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados, o meu corpo definhava de tanto gemer. Pois dia e noite a tua mão pesava sobre mim; minhas forças foram-se esgotando como em tempo de seca” (Salmos 32.3-4).

Quando Deus nos fala acerca de algum pecado, temos de dar atenção e agir. Não resolver o problema desse pecado é arriscarmo-nos a ser salvo da correção do Senhor. Numa manhã gelada, quando eu entrava com o carro para o recinto da sede do *The Navigators*, onde trabalhava, o carro escapou-me do controle e foi bater num poste da vedação. Outra pessoa, em situação semelhante, já tinha entortado esse poste e eu apenas aumentei a curva. Não disse nada ao administrador da propriedade, a despeito de diversos impulsos suaves que Deus me deu nesse sentido. Duas semanas mais tarde, tive outro ligeiro acidente. Depois de mais de quinze anos sem qualquer acidente ao volante, senti que Deus estava tentando despertar a minha atenção. Chamei, portanto, o administrador, comuniquei-lhe o meu primeiro acidente e ofereci-me para pagar um novo poste. Como Pedro disse: “Portem-se com temor durante a jornada terrena de vocês” (1 Pedro 1.17). Deus leva a sério o

problema da santidade na vida dos seus filhos e irá corrigir-nos até a alcançarmos.

A santidade é igualmente necessária para um *serviço eficaz a Deus*. Paulo escreveu a Timóteo: “Se alguém se purificar dessas coisas, será vaso para honra, santificado, útil para o Senhor e preparado para toda boa obra” (2 Timóteo 2.21). Santidade e utilidade andam juntas. Não podemos oferecer o nosso serviço a Deus num vaso impuro.

Aquele que torna o nosso serviço eficaz e que nos dá poder para o serviço é o Espírito Santo. Repare bem que ele é chamado Espírito Santo, ou Espírito de Santidade. Quando cedemos à nossa natureza pecadora e permanecemos na impiedade, o Espírito de Deus é entristecido (Efésios 4.30) e não fará prosperar o nosso serviço. Não se trata aqui de momentos em que caímos em tentação mas logo buscamos o perdão e a purificação de Deus. Trata-se, sim, de vidas que são caracterizadas por um viver ímpio.

A santidade é também necessária para a nossa segurança da salvação — não no momento da salvação, mas no decurso da nossa vida. A verdadeira fé revelar-se-á sempre pelos seus frutos. “Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que tudo se fez novo!” (2 Coríntios 5.17).

Lembro-me dum jovem, cristão há pouco tempo, que foi visitado pelo pai. Já não o via há vários anos, mesmo antes de ter se convertido. Estava, portanto, ansioso por falar com ele da sua nova fé e nós orávamos juntos para que o jovem pudesse ser uma testemunha eficiente para o pai.

Alguns dias mais tarde, perguntei-lhe como é que tinha decorrido esse seu testemunho. Disse-me então que o pai explicou que tinha confiado em Cristo como seu Salvador quando, um dia, foi “à frente”, com 10 anos de idade, num culto de evangelização. Perguntei então a esse rapaz: “Em todos esses anos, notaste alguma evidência de que ele era cristão?”. A sua resposta foi: “Não”. Que razão teremos para confiar na salvação desse homem? Ele já tinha quase 60 anos e nunca dera ao seu filho qualquer evidência de que era cristão.

A única evidência segura de que estamos em Cristo é uma vida santa. João afirmou que todo aquele que tem em si a esperança da vida eterna purifica-se a si mesmo como Cristo é puro (1 João 3.3). Paulo declarou: “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Romanos 8.14). Se não sabemos nada dessa santidade, talvez nos

convençamos a nós mesmos que somos cristãos, mas não temos o Espírito Santo em nós.

Assim, todo aquele que professa ser um cristão deve perguntar a si mesmo: “Haverá evidências de santidade prática na minha vida? Será que desejo e busco a santidade? Será que sinto tristeza com a falta dela e, fervorosamente, procuro a ajuda de Deus para ser santo?”.

Não são os que afirmam conhecer Cristo que entrarão no céu, mas aqueles cujas vidas são santas. Mesmo os que fazem “grandes obras cristãs” não entrarão no céu, a não ser que também façam a vontade de Deus. Jesus disse:

“Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.

Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?’ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!” (Mateus 7.21-23).